

**CARTA DE UM ESPIRITA
AO DR.
D. FRANCISCO DE
PAULA CANALEJAS**



ALVERICO PERON

CARTA DE UM ESPÍRITA AO DR. FRANCISCO DE PAULA CANEJAS

ALVERICO PÉRON

*Lançamento original:
Carta de un Espiritista
Al Dr. D. Francisco de Paula Canalejas
Imprensa de Manuel Galiano.
Praça dos Ministérios, 3
Madrid – 1861*

Tradução: Teresa da Espanha
Revisão da Tradução: Irmãos W. e Ery Lopes
Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada
© 2021

Distribuição gratuita:

[Portal Luz Espírita](#)
[Autores Espíritas Clássicos](#)



CARTA DE UM ESPÍRITA

AO

DR. FRANCISCO DE PAULA CANEJAS

JORNAL A RAZÃO

(ALVERICO PÉRON)

MADRI

(1861)



ALVERICO PÉRON
(ENRIQUE PASTOR Y BEDOYA)
(1833 - 1897)



**DR. D. FRANCISCO DE PAULA CANALEJAS
(O CATEDRÁTICO ESPANHOL)
(1834 - 1883)**

Sumário

Introdução — *pág. 07*

Filosofia Espírita - Sr. D. Francisco de Paula Canalejas — *pág. 08*

Resumo da Filosofia Espírita — *pág. 10*

Consequências Morais do Espiritismo – Um Espírita — *pág. 30*

Introdução

A primeira obra espírita publicada na Espanha: “*Carta de um espírita ao Dr. D. Francisco de Paula Canalejas*”, de Alverico Perón (Enrique Pastor y Bedoya) que foi cronologicamente falando, o primeiro grande pioneiro do espiritismo espanhol e também o autor da primeira obra espírita surgida na Espanha, no ano de 1861, apenas quatro anos após a publicação do “Livro dos Espíritos”.

Foi publicado inicialmente *como anônimo* no jornal madrilenho *La Razón* e intitulou-se “Carta de um espírita ao Dr. D. Francisco de Paula Canalejas”. Datada em 15 de Junho de 1861, é constituído de um folheto com extratos de “O que é o Espiritismo?”, de Allan Kardec. Mais tarde, em 1865, foi publicada uma edição na Imprensa de Manuel Galiano (Madri) e três anos mais tarde na revista O Critério Espírita que foi fundado por Alverico Perón, que iria reproduzi-la em suas colunas, os seus dois primeiros números correspondentes aos meses de novembro e dezembro de 1868.

A publicação no *jornal La Razón* gerou grandes debates calorosos na imprensa espanhola aonde o D. Francisco de Paula Canalejas ataca Enrique Pastor y Bedoya (Alverico Perón) e este faz a defesa dos ideais e fundamentos do espiritismo que foram codificados por Allan Kardec.

Filosofia Espírita

Sr. D. Francisco de Paula Canalejas

Excelência: Perdoe o Sr. a um partidário da filosofia espírita (ou seja, da evocação dos espíritos, dessa SUPERSTIÇÃO VULGAR, como o Sr. a apelida) dirigir-lhe umas linhas, sugeridas pela leitura do profundo discurso que sobre o estado atual da filosofia nas nações latinas, o Sr. pronunciou no ATENEU, e é reproduzido pelo *La Razón* no seu último número do dia 30 do passado mês de Junho.

Não serei eu certamente a imitar o exemplo que o Sr. me dá, dirigindo à escola da qual é partidário frase alguma dura ou sarcástica, como aquela que o Sr. dedica à moderna filosofia espírita, quando diz: E que diremos ao volver os olhos para os povos latinos, onde nem foi intuído sequer seu caráter de ciência filosófica, e onde os psicólogos são considerados como forjadores de sonhos, e a metafísica corre a par da evocação dos espíritos, ou com essas superstições vulgares?, etc. Mais modesta e comedida é a minha missão.

Desejo tão somente fazer constar que em algum dos tantos escritores materialistas que o Sr. tão habilmente refuta e cita no seu dito discurso, decerto não causaria espanto tal menosprezo; porém no Sr., filósofo espiritista, tamanho desdém transforma-se em crueldade inconcebível e injustificável.

Quem tivesse visto o desvio com que somos julgados, talvez pensasse tratar-se de uma turba de empíricos gerenciadores de

mesas girantes, e não de partidários de uma filosofia racional e lógica, como aquela que se desprende do resumo que, tomado do nobre folheto do Sr. KARDEC, colocarei a seguir para que seja conhecido do público, e possa ser impugnada devidamente pelo Sr., que tão sem piedade a trata, negando-lhe o direito de ser tida por mais do que uma superstição vulgar.

Nada mais longe do meu ânimo do que travar hoje uma polêmica, porque, como disse FERNANDO II ao seu filho (mais tarde FRANCISCO II de NÁPOLES). É bem árdua, complexa e espinhosa tal questão, para ser debatida na imprensa; porém tempos virão, nos quais a discussão seja possível, e para então convido o SR. CANALEJAS, para lhe provar que nós não somos como ele nos chama, supersticiosos vulgares.

Para então o desafio, e espero de sua cortesia que não me negará o favor de quebrar uma lança e colocar uma folha de louro na coroa que hoje orla a sua frente, vencendo o novel e atrevido cavaleiro, que, totalmente novo na lide, vem sem empresa no escudo, não confiado na têmpera de suas armas, mas na justiça de sua causa.

Se, entretanto, o Sr. me beneficiar com o obséquio de fazer inserir no *La Razón* estas linhas e o resumo que as acompanha, ficar-lhe-ei reconhecido.

Resumo da Filosofia Espírita

PRELIMINARES. — O espiritismo está fundado na crença de que existem seres inteligentes e invisíveis que povoam os espaços, a quem nós damos o nome de espíritos.

A existência dos espíritos é confirmada por fatos testemunhados por nós nos dias de hoje, e pela história, tanto a sagrada como a profana, que patenteia a universalidade desta crença em todas as épocas.

Os espíritos foram designados sob diferentes nomes, a depender dos tempos, lugares, hábitos e preocupações das nações. A ignorância tem lhes concedido atributos mais ou menos absurdos. Fazem parte da teogonia de todos os povos. Entre os pagãos, eram considerados como divindades, e com eles se comunicavam por meio dos oráculos; para alguns eram anjos ou demônios; para outros, gênios ou sílfides. Segundo o espiritismo e as modernas observações, não são seres de natureza especial; são as almas daqueles que já viveram na Terra (ou em mundos habitados), despojados do invólucro material, e que chegaram a diferentes graus de aprimoramento.

Os espíritos estão em toda a parte; do nosso lado, convivendo conosco, e sem deixar de nos observar.

Pela sua presença incessante ao nosso lado, os espíritos são os agentes de muitos fenômenos que desempenham importante papel no mundo moral, e até certo ponto no mundo físico, constituindo, portanto, uma das potências da natureza.

Os fatos provam que os espíritos podem manifestar a sua presença entre nós; que podemos entrar em comunicação com eles e trocar com eles nossos pensamentos.

Durante as comunicações que eles mantêm conosco, os espíritos nos ensinam, dentro do limite do seu poder, os seus conhecimentos, e segundo o grau de elevação no qual se encontram, sobre a sua própria natureza, a sua situação; a sua influência no nosso mundo, as condições da nossa felicidade ou infelicidade futura; iniciam-nos nos mistérios com seu próprio exemplo, dando-nos a conhecer a sorte que espera a todos nós.

O conjunto dos conhecimentos ensinados pelos espíritos constitui o espiritismo, que é a ciência de tudo aquilo que tem relação com o conhecimento dos espíritos ou do mundo invisível.

DEUS

I. Existe um ser único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberano, justo e bom, e infinito em todas as suas perfeições; ser de quem não é dado ao homem na Terra compreender a verdadeira essência.

Esse ser supremo chama-se Deus.

II. DEUS criou todas as coisas visíveis ou invisíveis, e todas elas são regidas por Ele com o seu soberano poder.

III. O princípio das coisas está nos segredos de Deus, e não nos é dado inquirir cá embaixo, além dos limites designados por sua vontade; querer ir além é caminhar nas trevas, e cair nos erros dos sistemas.

OS ESPÍRITOS

IV. Deus criou seres inteligentes que constituem o mundo espírita ou dos espíritos: os espíritos estão por toda a parte, os espaços são infinitos, e estão povoados até o infinito.

V. A natureza íntima dos espíritos é-nos desconhecida. Não são imateriais no sentido absoluto da palavra, visto que são alguma coisa, e constituem individualidades; são, se quisermos, uma espécie de matéria, para a qual nada daquilo que está sob o poder dos nossos sentidos poderia servir de termo de comparação.

VI. Os espíritos são simples e ignorantes, ilustram-se e purificam-se até chegar a conseguir a perfeição possível a uma criatura. Existem espíritos mais ou menos ilustrados, mais ou menos perfeitos, segundo o grau de elevação a que tiverem chegado.

Estes diferentes graus estabelecem-se em uma hierarquia, do mais ínfimo até o estado de espírito puro, e constituem a escala espírita seguinte:

ESCALA ESPÍRITA, OU ORDEM DOS ESPÍRITOS

Primeira ordem... Espíritos Puros.- Classe única.

Segunda ordem... Bons, elevados. - De quatro classes.

Terceira ordem... Espíritos em purificação. – Quatro classes.

Segunda ordem:

Classe 2^a. Espíritos superiores.

Classe 3^a. Espíritos bons.

Classe 4^a. Espíritos instruídos

Classe 5^a. Espíritos bondosos

Terceira ordem:

Classe 6^a. Espíritos neutros

Classe 7^a. Espíritos de falsa instrução

Classe 8^a. Espíritos levianos e superficiais

Classe 9^a. Espíritos impuros

VII. Conforme a bondade e sabedoria de Deus, não existem seres condenados essencial e perpetuamente ao mal e à ignorância; a

todos eles é permitido melhorar a si mesmos com o tempo.

VIII. Os espíritos estão revestidos de um invólucro fluido imperecível, designado com o nome de perispírito, que trazem ao fluido universal, mais ou menos etéreo, de acordo com o grau de purificação e as esferas onde se encontram.

Além disso, revestem-se temporariamente de invólucros materiais destrutíveis, com a mesma duração da vida corpórea.

IX. O mundo espírita, ou dos espíritos, é o mundo normal, primitivo, preexistente e que sobrevive a tudo. A existência corporal é uma das fases da vida espírita.

MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS

X. As relações entre o mundo espírita e o mundo corporal são incessantes. São ocultas ou patentes.

Os espíritos atuam sobre os homens de um modo oculto, sugerindo-lhes pensamentos; de uma maneira patente, comunicando-se com eles por meios apreciáveis aos sentidos, como a visão, a audição, a escrita, a fala, e por diversos fenômenos físicos, como pancadas sem causa material, movimento de corpos inertes, etc.

XI. As comunicações dos espíritos ocorrem pela intermediação de certas pessoas dotadas de faculdades especiais, designadas com o nome de médiuns. Os MÉDIUNS são aquelas pessoas aptas para receber de uma maneira patente a comunicação dos espíritos e para servir de intermediários entre o mundo visível e o mundo invisível.

Eles são distinguidos, segundo a diversidade das suas aptidões e os meios particulares que dependem da sua organização, em médiuns escritores, desenhistas, músicos, videntes, falantes, auditivos, intuitivos, inspirados, sensitivos, e de efeitos físicos.

XII. Os espíritos superiores não se ocupam senão das comunicações inteligentes. As manifestações físicas ou puramente materiais são

atributo especial dos espíritos inferiores.

XIII. A natureza das comunicações espíritas depende da natureza dos espíritos e do grau de aperfeiçoamento que eles possuem.

Os espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes; o seu horizonte moral é limitado, a sua perspicácia é restrita.

Eles têm apenas uma noção falsa e incompleta sobre tudo; ainda estão sob o domínio das preocupações terrenas, que às vezes tomam por verdades; por isso são incapazes de resolver certas questões. Não basta, para conhecer a verdade, nos dirigirmos a um espírito; é preciso saber a qual espírito nós estamos nos dirigindo, porque os espíritos inferiores podem nos induzir ao erro, voluntária ou involuntariamente, sobre coisas que nem eles mesmos entendem.

XIV. A experiência e o hábito de conversar com os espíritos nos ensinam a conhecer a elevação daqueles que se comunicam. Eles se diferenciam geralmente pelo modo de falar. O linguajar dos espíritos superiores sempre é digno, elevado, impregnado de benquerença, isento de contradições e respirando apenas os preceitos da mais profícua moral.

Todo o pensamento que for evidentemente falso, toda a máxima que for contrária à moral sadia, todo o conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola; enfim, todo sinal de malquerença, são signos incontestáveis de inferioridade em um espírito.

XV. Os espíritos bons comunicam-se mais ou menos voluntariamente através desse ou daquele médium, segundo as simpatias ou a afinidade com o seu próprio espírito.

O que constitui a qualidade de um médium não é a facilidade que ele tem para conseguir as comunicações, e sim a sua aptidão para só receber aquelas que provêm dos espíritos bons e não ser joguete de espíritos brincalhões e mentirosos.

XVI. Os espíritos manifestam-se visivelmente nas aparições que ocorrem quando dormimos ou mesmo estando acordados. Essas aparições acontecem quase sempre espontaneamente, e o homem não é dono das circunstâncias em que se verificam. A aptidão para ver espíritos constitui a variedade de médiuns videntes.

XVII. Os espíritos aparecem com seu perispírito ou invólucro fluídico. A substância deste invólucro, que é invisível aos nossos olhos em estado normal, pode sofrer modificações que vão fazê-la perceptível em certos casos.

Os espíritos aparecem aos nossos olhos em forma humana ou em qualquer outra forma, ficando isto à sua vontade; mas, geralmente, costumam aparecer sob aquela que tinham em vida, ainda que sem as imperfeições físicas inerentes à matéria, a menos que eles prefiram aparecer com elas, para que sua identidade possa ser reconhecida.

EVOLUÇÃO DOS ESPÍRITOS

XVIII. Os espíritos purificam-se e ilustram-se passando pelas provas da vida corporal.

Sendo somente um instante, se comparada com a duração indefinida da vida espírita, a duração da existência corporal, uma só destas existências é insuficiente para a purificação completa dos espíritos; por isso, as vidas são repetidas enquanto for necessário para que eles possam atingir a perfeição.

XIX. No intervalo das suas existências corporais, os espíritos ficam no estado errante. A erraticidade não é mostra de inferioridade nos espíritos; é o seu estado normal fora da existência corporal, não sendo para eles esta existência outra coisa que um estado transitório e passageiro. Existem espíritos errantes em todos os graus da escala espírita.

XX. O número de existências corporais de cada espírito não é absoluto. O espírito purifica-se mais ou menos, segundo a sua própria vontade. Dele depende abraçar o número e a duração das suas provas.

XXI. O espírito que passou por todas as existências necessárias para sua purificação, não precisa sofrer mais; é ESPÍRITO PURO, e goza de uma felicidade completa na vida eterna.

XXII. Durante cada existência corporal, o espírito adquire novos conhecimentos e um aumento da experiência, que o faz evoluir. Cada existência para ele é uma chance de prova na estrada da evolução, e com ele acontece a mesma coisa que com a vida do homem, que pode ou não aproveitar a experiência que cada dia lhe traz.

XXIII. Aquilo que o espírito adquire, em ciência e moralidade, em cada existência corporal, nunca vai ser perdido. Uma existência pode ser para ele mais ou menos aproveitável, segundo a sua própria vontade; pode produzir apenas pouco ou nenhum fruto, e nesse caso, com a sua negligência ele prolonga a duração das próprias provas e fica estancado, porém não retrocede.

XXIV. Entre as diferentes espécies orgânicas da criação, Deus escolheu o homem para a encarnação dos espíritos; por isso ele se distingue das outras espécies, pela intuição da divindade e da vida futura, a consciência do bem e do mal, a aptidão para compreender as coisas fora do mundo corporal, e porque a elevação de sua inteligência não fica limitada ao interesse de conservação e à satisfação das necessidades materiais. As diferentes existências corporais do espírito cumprem-se também no homem, e em mais nenhuma espécie entre os seres viventes. A alma, seja qual for o grau em que estiver, é e será uma alma humana.

OS MUNDOS

XXV. Os espíritos nos ensinam e a razão nos dita que a Terra não é o único mundo habitado.

Os inumeráveis globos que circulam pelo universo estão povoados de seres organizados para o meio onde devem viver.

XXVI. Os diferentes mundos não estão no mesmo grau de adiantamento, do ponto de vista intelectual e moral de seus habitantes. Estão povoados de seres melhores ou piores, mais ou menos evoluídos ou atrasados, segundo o quanto tiverem progredido.

XXVII. O estado físico dos habitantes de cada esfera está em relação com o grau da sua evolução moral. Quanto mais elevados os espíritos que os animam, tanto menos submetidos estão eles à matéria; quanto mais evoluídos os mundos, tanto mais intelectual é a existência; quanto mais atrasados, mais material é ela.

XXVIII. Nos mundos superiores somente o bem é conhecido. Não existe neles egoísmo, nem orgulho, nem falsidade, nem inveja, nem loucas ambições.

Não existe lá nenhuma das paixões brutais que degradam o homem.

XXIX. Na hierarquia dos mundos, a Terra não ocupa nem o primeiro nem o último lugar; porém se aproxima mais do último que do primeiro. O estado moral da sociedade seria a prova disso, mesmo que os espíritos não o tivessem revelado. Existem mundos onde os habitantes são mais dominados pelas paixões animais do que na Terra, outros que são idênticos, e outros, em fim, que são superiores moral e fisicamente.

DO HOMEM

XXX. Deus deu ao homem uma alma inteligente, capaz de conhecê-lo e de compreender o bem e o mal.

XXXI. Nossa alma é um dos espíritos criados fora da matéria inerte, e que se une ao nosso corpo pela vontade de Deus. Este espírito preexiste à formação do corpo ao qual se une no momento de nascer; quando morre, entra no mundo dos espíritos, de onde saíra, e cumpre durante a vida do homem uma das fases da sua existência.

XXXII. Há no homem três coisas: alma ou espírito encarnado, corpo ou invólucro material perecível, e perispírito ou invólucro fluídico imperecível, que une corpo e espírito.

XXXIII. A vida do corpo é mantida pela harmonia dos órgãos; cessa quando essa harmonia deixa de existir. A vida do espírito é eterna.

XXXIV. A morte não ocasiona senão a destruição do invólucro corporal. O espírito, despojado deste invólucro, conserva o invólucro fluídico.

XXXV. Os espíritos encarnados constituem a espécie humana; despojados do seu envoltório corporal, constituem o mundo dos espíritos.

XXXVI. A alma, que já tinha individualidade própria antes de se unir ao corpo, conserva essa individualidade após a morte com lembrança do seu passado.

FACULDADES DO HOMEM

XXXVII. Sendo o homem um espírito encarnado, seu passado e seu porvir são os mesmos do espírito que veio habitar seu corpo. Levará consigo, ao nascer, e por intuição, as qualidades e os conhecimentos adquiridos anteriormente pelo espírito que se animou nele.

XXXVIII. A existência do espírito como homem não é, por assim dizer, senão um dia em sua vida como espírito. A morte do corpo é, para o espírito, como um sonho que acaba no dia seguinte; é sinal de um despertar imediato.

XXXIX. O homem não pode ter adquirido tudo o que sabe, nem

adquirir tudo aquilo que deve saber em uma só existência. Segue-se disto que esta não pode ser nem a primeira nem a última. Se fosse a primeira, ele estaria no último degrau da escala moral; se fosse a última, suporia que ele já chegou à perfeição.

XL. A cada nova existência temporal, o espírito toma seu ponto de partida no grau onde tinha ficado. Estas diferentes existências são outras tantas etapas da vida espírita, onde cada uma delas vai deixando suas imperfeições, até alcançar o fim que aspira: A vida eterna.

XLI. A preexistência da alma e o princípio de um progresso anterior é o único fato que pode justificar as disposições naturais e as idéias inatas que ajudam na aquisição das idéias novas, do mesmo modo que no decorrer da vida, aquelas que se adquirem cada dia servem de base para as que vão ser adquiridas no dia seguinte. Nisto encerra-se a única explicação possível para as aptidões intelectuais e morais; das tendências intuitivas, boas ou ruins, que são independentes de qualquer educação e de qualquer idéia adquirida. A diversidade de aptidões inatas, intelectuais e morais, é um fato do qual não há como duvidar se não se admite a anterioridade do progresso; e em se acreditando que a alma nasce ao mesmo tempo em que o corpo, é preciso admitir que Deus criasse seres favorecidos, aos quais relevou do trabalho reservado para outros, o qual seria tanto como negar a justiça de Deus.

XLII. Sendo os órgãos instrumentos da manifestação do pensamento, o seu maior ou menor aperfeiçoamento influi necessariamente sobre estas manifestações; mas fazer depender destes mesmos órgãos a diversidade das aptidões e das tendências, é retirar ao homem o seu livre-arbítrio, é relevá-lo de qualquer responsabilidade pelos seus atos.

Essa doutrina seria altamente imoral e subverteria a ordem social.

O estado dos órgãos facilita mais ou menos as manifestações; porém esse fato não tira ao espírito as qualidades inerentes à sua natureza. O artista eminente que não dispõe senão de um instrumento ruim, executa com menor perfeição, porém isto não diminui em nada o seu talento.

XLIII. Admitindo-se órgãos cerebrais específicos para cada faculdade, o desenvolvimento destes órgãos é decorrente do exercício da faculdade inerente ao espírito; é um efeito, mas não uma causa.

EMANCIPAÇÃO DA ALMA

XLIV. A alma não está tão identificada com o corpo, que não possa em certos momentos recuperar uma parte da sua liberdade ainda no decurso da vida.

Durante o sono e o repouso do sono a alma desprende-se, só em parte, dos laços corporais, recupera algumas das suas faculdades de espírito, e entra diretamente em comunicação com os outros espíritos.

Geralmente recebe em suas comunicações conselhos saudáveis, dos quais conserva, ao acordar, algumas vezes, uma noção clara e distinta; outras, uma simples intuição. Por isso o homem perverso encontra quase sempre nos sonhos a desaprovação dos crimes que cometeu ou daqueles nos quais medita: daqui vem o provérbio de consultar com o travesseiro.

XLV. A emancipação da alma pode ocorrer durante o despertar, ou seja, não estando mais adormecido, e manifesta-se a través do fenômeno designado com o nome de segunda visão. Também acontece no sonambulismo, seja ele natural ou magnético.

O êxtase é um estado de emancipação da alma mais completo do que no sono e no sonambulismo.

XLVI. As faculdades sonambúlicas são as mesmas da alma mais ou menos desprendida da matéria. O esquecimento que geralmente segue ao acordar, das coisas percebidas no estado sonambúlico, é explicado pela influência da matéria e pela ausência no corpo dos órgãos próprios para conservar e transmitir certas percepções do espírito.

Essa mesma é a causa do esquecimento do passado do espírito durante o estado de encarnação, aquilo que os antigos explicavam com a alegoria do RIO LETE. (*)

() Na Grécia Antiga, Lete ou Lethé (em grego antigo λήθη; ['le:t̥hɛ:], grego moderno: ['liθi]) literalmente significa "esquecimento". Seu oposto é a palavra grega para "verdade" alétheia (αλήθεια). Na mitologia grega Lete é um dos rios do Hades. Aqueles que bebesses ou até mesmo tocassem na sua água experimentariam o completo esquecimento.*

DESTINO DO HOMEM

XLVII. O espírito retornado à vida espírita pela morte do corpo é feliz ou infeliz, segundo o bem ou o mal que fez durante a vida corporal, e segundo o uso que fez das faculdades e dos bens que lhe foram concedidos.

Sofre por todo o mal que fez e por todo aquele que não evitou, e por todo o bem que pôde fazer e não fez. Não goza de uma felicidade perfeita senão quando consegue se purificar completamente.

XLVIII. Quanto mais se elevar um espírito encarnado, maior será seu desprendimento da matéria; quanto mais apegado ele for às coisas materiais para além das suas verdadeiras necessidades, mais retardará a sua evolução.

XLIX. A indiferença pelas coisas temporais não deve se estender aos conhecimentos que puder adquirir na Terra. O espírito deve evoluir em todos os sentidos; tudo aquilo que aprender contribuirá ao seu desenvolvimento;

L. Os espíritos não avançam simultaneamente em ciência e em moralidade. O avanço pode acontecer, em um sentido, ou em outro; isso explica o porquê da inteligência não estar sempre em relação com a moral; mas aquilo que ele não conseguiu adquirir nessa vez, poderá adquirir em outra; por isso a pluralidade de existências é a âncora de salvação que Deus, na sua justiça, deu ao homem, não fazendo depender para sempre a sua sorte futura de uma vida passageira, que é apenas um instante na eternidade, e que mil circunstâncias podem quebrar de improviso.

LI. As diferentes existências corporais não se verificam todas sobre a Terra ou no mesmo mundo.

É possível um indivíduo ter vivido neste globo e voltar a ele, do mesmo modo que é possível que esteja nele pela primeira vez e não torne a voltar. É possível que ele venha para a Terra de um mundo igual, e também pode deixar este mundo por outro semelhante ou superior. Depende dele, realizar nesta vida o que precisa, para assegurar uma posição mais feliz daquela que tinha na Terra.

LII. Os espíritos superiores encarnam às vezes nos mundos inferiores para cumprir uma missão de progresso e conduzir os homens pela estrada do bem. Os sofrimentos que padecem voluntariamente nestas missões, fazem que eles se elevem aos olhos de Deus e na hierarquia dos espíritos.

LIII. A alma desprendida da matéria vê o seu passado, e todas as suas existências anteriores se refletem em sua memória; assim, ela vê todas as suas ações boas ou ruins, vê a felicidade dos justos e sofre por não ter acesso a ela.

LIV. À medida que o espírito se imaterializa, compreende as imperfeições que lhe acarretam sofrimentos; por isso a sua aspiração é se purificar através de uma existência onde possa se elevar por meio de novas provas. Esta satisfação não lhe é concedida no grau

que ele deseja; a justiça de Deus quer que ele sofra longo tempo, e como a sua própria inferioridade limita seu horizonte moral e a extensão de suas percepções, não lhe permite ver o fim de seus sofrimentos e acredita sofrer para sempre, o qual constitui para ele um castigo a mais.

LV. Ao voltar para o mundo dos espíritos, a alma encontra-se com seus parentes e com todos aqueles que ela conheceu e amou na Terra, e volta a ela para visitá-los, consolá-los e protegê-los segundo seu poder.

Também se encontra com todos aqueles aos que fez bem ou mal, e a visão deles é para ela fonte de felicidade ou de remorsos.

LVI. A pluralidade de existências não provoca prescindir dos laços de família ou dos afetos; longe disso, entre os espíritos bons, eles são mais puros e desprendidos de qualquer causa material. Não dependem mais do capricho nem do conflito de interesses, nem são revestidos da máscara da hipocrisia. Somente os afetos passageiros, aqueles onde as causas físicas têm uma parte maior do que as causas morais, não sobrevivem e se extinguem muitas vezes antes mesmo da morte. Esses afetos são contraídos em cada existência corpórea, e não têm mais solidez do que as alianças efêmeras de uma viagem; porém o amor sincero entre dois seres que simpatizam verdadeiramente sobrevive a todas as emigrações do espírito pelos mundos corpóreos, e muitas vezes esses dois seres seguem-se, encontram-se e são atraídos, um para o outro, simultaneamente.

LVII. A sorte futura do homem depende do bem e do mal que fez voluntariamente, e do uso mais ou menos útil que fez da sua vida.

Acontece que uma criança que morre na infância não teve tempo de fazer bem ou mal, e não tendo sequer para as leis humanas discernimento de seus atos, não poderá gozar de uma felicidade eterna e sem contratempos, que nada fez por merecer.

Com que direito gozaria ela de um privilégio tão inaudito, se o homem que trabalhou durante longos anos para se aperfeiçoar, tendo de sofrer tantos contratempos, não tem certeza de alcançá-lo? Deus, sendo justo, não pode ter consagrado tal iniquidade; recompensa segundo o mérito, e só castiga segundo as faltas, e eis aqui demonstrada matematicamente, e até a evidência, a justiça da pluralidade das existências.

Para a criança que morre antes de poder cumprir sua missão, a sua é uma existência incompleta, que deverá começar novamente. É talvez para ela o complemento de uma existência anterior interrompida. Sua morte pode ser também uma prova ou um castigo para seus pais.

RETORNO À VIDA CORPÓREA

LVIII. Tendo chegado o termo marcado por Deus para sua vida errante, o espírito escolhe, ele mesmo, as provas às quais deseja se submeter, para apressar sua evolução, ou seja, o gênero de existência que acredita mais apropriado para proporcionar-lhe os meios de consegui-lo, e essas provas estão sempre em relação com as faltas que deve expiar. Se sair vitorioso, elevar-se-á; se sucumbir deverá começar de novo.

LIX. O espírito goza sempre do seu livre-arbítrio, e em virtude dele escolhe em estado de espírito as provas da vida corpórea, as quais, no estado de encarnação, ele deliberará se vai ou não cumprir, e escolhe entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre-arbítrio seria fazer dele uma máquina.

LX. Quando mergulha na vida corpórea, o espírito perde momentaneamente a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as ocultasse; porém guarda sempre uma vaga consciência, e podem ser-lhe reveladas em certas circunstâncias; mas isso

acontecerá então pela vontade dos espíritos superiores, que o farão espontaneamente e por um fim útil; mas nunca para satisfazer uma fútil curiosidade.

As existências futuras não podem ser reveladas em caso algum, porque dependem do modo de preencher a existência presente e das escolhas ulteriores do espírito.

LXI. O esquecimento das existências anteriores é um benefício que Deus nos faz; lembrá-las seria muitas vezes penoso para nós, e o homem sentiria piorar seus sofrimentos passados e presentes. Esta lembrança poderia também cortar seu livre-arbítrio.

Se cada homem se lembrasse do que os outros foram, este passado posto diante de seus olhos seria uma causa incessante de perturbação e de não entendimento.

LXII. O esquecimento das faltas cometidas não é um obstáculo para o aperfeiçoamento do espírito; porque, se bem ele não possui uma lembrança precisa, o conhecimento do que era seu estado errante, e o desejo que concebeu de repará-las, guiam-no por intuição e sugerem-lhe o pensamento de resistir ao mal, ouvindo a voz da sua consciência, e nisso está secundado pelos espíritos que o auxiliam, e ouve as boas inspirações que recebe.

LXIII. Se o homem desconhecer seus próprios atos e não souber de que gênero de faltas se fez culpado, ou qual era seu caráter dominante, basta-lhe observar-se a si mesmo, para poder julgar o que ele foi, não pelo que é e sim por suas tendências.

LXVI. As vicissitudes da vida corpórea são ao mesmo tempo expiação pelas faltas passadas e provas para o futuro. Purificam-nos e elevam-nos se as sofremos com resignação e sem murmurações. A natureza das vicissitudes e das provas que sofremos pode também nos iluminar, sobre o que fomos e fizemos, do mesmo modo como aqui em baixo julgamos os atos de um culpado pelo castigo que a lei

lhe impõe. Assim, ele será castigado em seu orgulho pela humilhação de uma existência subalterna; aquele, mau, rico e avarento, pela miséria; quem tiver sido duro com os outros, pelas durezas que terá de sofrer; o tirano, pela escravidão; o filho, pela ingratidão dos próprios filhos; o preguiçoso, por trabalhos forçados.

LXV. Em uma nova existência corpórea, o espírito pode decair daquilo que era como posição social, mas não como espírito. Pode ficar estacionário, porém não retrograda jamais; quer dizer, que de rico e poderoso pode vir a ser servo e miserável, se forem essas as provas que deve sofrer; porém, qualquer que seja a sua posição, nunca perde o que adquiriu, e isso explica as idéias que em certos indivíduos parecem-nos em desacordo com a posição em que vivem e a educação que receberam. Existe em todo ser como um reflexo daquilo que foi, em grandeza ou miséria.

INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS

LXVI. A missão dos bons espíritos é contribuir para o adiantamento dos espíritos imperfeitos; quando eles estão na erraticidade, levam-nos ao arrependimento e inspiram neles o desejo de evoluir.

Quando estão encarnados, auxiliam-nos nas provas da vida e constituem-se em guias, gênios tutelares, anjos custódios daqueles que tomam sob a sua proteção.

LXVII. Cada homem possui seu próprio gênio familiar ou espírito protetor, que é sempre bom, que vela por ele do nascimento até a morte, e que o acompanha durante sua vida errante.

LXVIII. Os espíritos maus aderem-se aos encarnados para distraí-los da vida do bem; o homem sempre tem um espírito bom e um espírito mau; o que não está sendo ouvido deixa o lugar para o outro.

LXIX. Os pensamentos sugeridos pelos espíritos guardam relação com o grau de elevação que possuem.

Os pensamentos bons são sugeridos pelos bons espíritos, e os maus, pelos espíritos inferiores.

LXX. Sendo o homem um espírito encarnado, tem os pensamentos que lhe são próprios, independentes daqueles que lhe são sugeridos, e são melhores ou piores na medida em que seu próprio espírito estiver mais ou menos purificado.

LXXI. Conservado sempre o espírito o seu livre-arbítrio antes e depois da encarnação, o homem é livre de ceder ou resistir às sugestões dos espíritos, segundo a sua vontade, porém a responsabilidade dos próprios atos é sempre sua.

LXXII. Os espíritos unem-se em favor de suas simpatias. As simpatias dos espíritos baseiam-se na semelhança de pensamentos e sentimentos, em razão do grau de elevação que possuem. Os bons simpatizam com os bons, e os maus com os maus.

LXXIII. A simpatia dos espíritos é individual por aqueles que estão encarnados e por aqueles que não estão; daí decorre que o homem atrai para si os espíritos segundo as próprias tendências, quaisquer que forem elas, já formando um todo coletivo, já sozinho, ou como uma sociedade, uma cidade ou uma nação. Existem sociedades, vilas e até cidades que estão auxiliadas por espíritos mais elevados ou menos elevados, segundo o caráter e as paixões que aí predominam.

LXXIV. Os espíritos imperfeitos afastam-se daqueles que os rejeitam, e ocorre que o aprimoramento moral dos indivíduos, como de todos os coletivos, tende a separar os maus espíritos e atrair os bons, que executam e promovem o sentimento do bem.

LXXV. O egoísmo que domina os homens é um sinal da sua inferioridade como espíritos; por isso são atraídos para a Terra mais espíritos maus do que bons.

Porém os bons acorrem também para ajudar na evolução, tanto se operam como espíritos como se encarnam em homens de gênio, que

de tempos em tempos fazem a humanidade avançar um passo. Quanto mais escutarmos a voz dos espíritos bons, mais será melhorada a espécie humana. Dia virá em que os bons serão em número maior do que os maus, e então começará na Terra o reinado do bem, como acontece em outros mundos mais adiantados.

LXXVI. Os espíritos encarnados apegam-se do mesmo modo ou repelem-se, segundo as suas simpatias ou antipatias como espíritos. Os maus exercem de vez em quando a sua malquerença sobre certos indivíduos, seja para os induzirem ao mal, seja para fazê-los sofrer atribulações, e podem ser para eles os gênios maus encarnados, do mesmo modo que os bons podem ser seus protetores.

O BEM E O MAL

LXXVII. O espírito purifica-se na vida corpórea e prepara a sua felicidade futura pela prática do bem; se fizer o mal, continuará na sua inferioridade.

LXXVII. O bem está contido nos mandamentos de Jesus Cristo, e pode ser resumido nas palavras de Jesus: AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS, E AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO; ou em outros termos: NÃO QUEIRAS PARA OS OUTROS, AQUILO QUE NÃO QUISES PARA TI.

O mal é contrário a esta lei; as principais causas do mal são o egoísmo, o orgulho e a sensualidade; destes vícios derivam-se todos os outros.

LXXIX. O amor ao próximo abraça a humanidade inteira; todos os homens são irmãos, como filhos de Deus, e devem-se mútuo apoio, sem distinção de nações, seitas, castas ou crenças.

LXXX. Aos olhos de Deus é agradável todo o sentimento sincero que leva o homem até Ele; somente são reprováveis aos seus olhos as crenças incompatíveis com a prática do bem e o amor ao próximo.

LXXXI. Quem quer que seja que fizer o bem, é recompensado; quem quer que seja que fizer o mal, é castigado; porém Deus, na sua bondade, deixa sempre ao culpado a hora do arrependimento e da expiação. Dá a cada um os meios para se reabilitar, e quem não o faz, prolonga seus sofrimentos.

A PRECE

LXXXII. Nós nos fortalecemos na justiça e na prática do bem através da prece.

A prece é um ato invocatório. É possível rogar a Deus, aos espíritos bons e ao protetor ou anjo da guarda; é possível rogar por si mesmo, por outrem ou pelos espíritos que precisam de auxílio.

Todas as preces dirigidas a Deus são ouvidas pelos bons espíritos, que executam a sua vontade.

LXXXIII. Os espíritos recomendam a prece como meio de aprimoramento por si mesmo, e como alívio para espíritos sofredores.

Os espíritos imperfeitos pedem-nos preces; para eles a nossa comiseração é um lenitivo para os seus sofrimentos, e excita neles o desejo de se elevarem.

LXXXIV. Os espíritos nos dizem e a razão nos confirma que a prece do coração é a única eficaz.

Para Deus e para os espíritos bons, o pensamento é tudo, as palavras nada.

LXXXV. A prece não basta somente para garantir a felicidade do homem; ela nos identifica com os espíritos bons e atrai seu auxílio; porém a prece sem atos é estéril. Deus não quer somente que se reze a Ele, e sim que se utilize a vida.

Consequências Morais do Espiritismo

Pelo raciocínio, o estudo prático e a observação dos fatos, o espiritismo confirma e demonstra as bases fundamentais da religião cristã, a saber:

A existência de um Deus único, todo-poderoso, criador de todas as coisas, soberano, justo e bom;

A existência da alma, e a responsabilidade que contrai por todos os seus atos;

O estado feliz ou infeliz do homem após a morte, segundo o uso que ele fizer das suas faculdades durante a vida;

A necessidade do bem e as funestas consequências do mal;

A utilidade da prece.

Resolve multidão de problemas, que encontram sua única explicação possível na existência de um mundo invisível, composto de seres já despojados do seu invólucro material, que vivem em torno de nós, e exercem uma influência incessante sobre o mundo visível.

É fonte de consolação:

Pela certeza que nos traz sobre o porvir que nos espera;

Pela prova material da existência daqueles que amamos sobre a Terra, a certeza da sua presença entre nós, a certeza de tornar a encontrá-los no mundo dos espíritos, e da possibilidade de falar com eles e de receber conselhos saudáveis;

Pela coragem que nos infunde diante da adversidade;
 Pela elevação que imprime aos pensamentos, dando uma justa idéia do valor das coisas e dos bens deste mundo.

Contribui para a felicidade do homem sobre a Terra:
 Acalmando as causas do seu desespero;
 Ensinando o homem a se contentar com o que possui, a fazê-lo considerar que as riquezas, as honras e o poder são provas que devem ser temidas, mais do que invejadas;
 Servindo de freio às más paixões, origem da maior parte das aflições;
 Inspirando nele sentimentos sinceros de caridade e fraternidade para com o próximo.

O resultado destes princípios, quando estiverem propagados no coração do homem, será:

Torná-los melhores e mais indulgentes para com seus semelhantes;
 Destruir, aos poucos, o egoísmo, pela solidariedade que estabelece entre os homens; excitar uma nobre emulação para o bem;
 Servir de freio às ambições desordenadas;
 Neutralizar os males inerentes à efervescência das paixões brutais;
 Favorecer o desenvolvimento intelectual e moral, não somente tendo em vista o bem-estar presente, como também do futuro ao qual está unido;
 E por todas estas causas, contribuir para o melhoramento progressivo da humanidade.

Esta é a doutrina exposta por ALLAN KARDEC em seu opúsculo ¿O que é o Espiritismo? Segundo o autor, escrito sob inspiração dos espíritos com os quais ele se comunica, deixando com eles a responsabilidade, e do mesmo modo com o SR. KARDEC, sobre alguns pontos com os quais não concorda, mas que para discutir sobre eles precisaria escrever um livro.

Com os protestos da mais elevada estima e consideração, seu amigo
e criado, Q.B.S.M.

Um Espírita
Madri, 5 de Junho de 1861

